



governança, diversidade e sustentabilidade cultural

PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural  
ISSN: 1695-7121  
info@pasosonline.org  
Universidad de La Laguna  
España

## Tradição, Aculturação e Autenticidade nos relatos de turistas sobre povos indígenas em meio virtual

Campos Neves, Sandro; Beraldo Maciel Leme, Fernanda; Storniolo Santos, Ricardo  
Tradição, Aculturação e Autenticidade nos relatos de turistas sobre povos indígenas em meio virtual  
PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, vol. 17, núm. 5, 2019  
Universidad de La Laguna, España  
Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=88165933008>



Este trabalho está sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-NãoDerivados 3.0 Internacional.

## Tradição, Aculturação e Autenticidade nos relatos de turistas sobre povos indígenas em meio virtual

Tradition, Acculturation and Authenticity in tourist reports about indigenous peoples in a virtual environment

*Sandro Campos Neves*

*Universidade Federal do Paraná, Brasil*

sandrocamosneves@yahoo.com.br

Redalyc: [https://www.redalyc.org/articulo.oa?](https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=88165933008)

id=88165933008

*Fernanda Beraldo Maciel Leme*

*Universidade do Rio de Janeiro, Brasil*

nanda.leme@yahoo.com

*Ricardo Storniolo Santos*

*Universidade Federal do Paraná, Brasil*

ricardostorniolo@gmail.com

Recepção: 06 Novembro 2018

Aprovação: 01 Abril 2019

### RESUMO:

Atraves da analise de todas as terras indigenas brasileiras cadastradas no referido aplicativo, se busca investigar quais conceitos e categorias sao colocados em jogo pelos atores sociais para se referir e analisar as Terras Indigenas brasileiras como atrativos turisticos. Tambem e objetivo importante analisar o modo como turistas se referem aos povos indigenas em suas publicacoes, bem como a construcao de estereótipos e modos de pensar a respeito da indianidade. Acredita-se que tal analise aporta importantes contribuicoes para o contexto científico de pesquisa em turismo. Tanto por utilizar meios relativamente novos para a realização de pesquisa, quanto por abordar tema tambem de literatura relativamente pouco desenvolvida na area, isto e, turismo em Terras Indigenas. Outro dado relevante se refere ao fato de que os comentarios refletem, de maneira geral, posicoes de extremidades, isto e, ou inteiramente positivas ou inteiramente negativas. Credita-se tal situação a um carater polarizador atribuido de modo muito amplo pela sociedade brasileira ao ambiente virtual.

**PALAVRAS-CHAVE:** Turismo em Terras Indigenas, Comentarios Online, Meio Virtual, Aculturacao, Tradição, Autenticidade.

### ABSTRACT:

Through the analysis of all Brazilian indigenous lands registered in said application, it is sought to investigate which concepts and categories are put into play by the social actors to refer to and analyze the Brazilian Indigenous Lands as tourist attractions. It is also important to analyze the way tourists refer to indigenous peoples in their publications, as well as the construction of stereotypes and ways of thinking about indianity. It is believed that this analysis contributes important contributions to the scientific context of tourism research. Both for using relatively new means for conducting research, and for addressing the topic of relatively undeveloped literature in the area, that is, tourism in Indigenous Lands.

**KEYWORDS:** Tourism in Indigenous Lands, Online Comments, Virtual Environment, Acculturation Tradition, Authenticity.

## 1. INTRODUÇÃO

O turismo em Terras Indígenas é uma realidade relativamente recente para a atividade turística no Brasil. Com as primeiras identificações de tais situações sendo datadas entre as décadas de 1960 e 1970, sua emergência como tema acadêmico de importância pode ser adequadamente situada nos anos 1990. A tese de doutoramento de Grunewald (1999) pode ser marcada como dos primeiros relevantes trabalhos elaborados no contexto acadêmico brasileiro. O tema, obviamente, tem um histórico menos recente para o campo da chamada Antropologia do Turismo em contexto mundial. Se pode assinalar os trabalhos de Smith (1977), Graburn (1977;1980), MacCannel (1976) e Cohen (1988), como alguns dos primeiros no campo acadêmico internacional.

De todo modo, é possível afirmar que a produção nacional é significativamente mais recente e de amplitude bem mais modesta, a despeito do grande potencial para o desenvolvimento da atividade no país. Dados do Instituto Socioambiental, importante ONG atuante no setor apontam para o número de 252 povos indígenas no país. Por outro lado, o IBGE aponta o número de 305 etnias<sup>1</sup>. Em que pese a diferença nos dados, se pode claramente identificar um grande potencial para o acontecimento do encontro entre índios e turistas no país.

A despeito, contudo, da expressividade demográfica das populações indígenas e dos dados crescentes a respeito dos fluxos turísticos no país<sup>2</sup>, o tratamento analítico da questão é bastante recente e largamente insuficiente para dar conta da amplitude do fenômeno. Quando se trata, então, de obter informações mais apuradas a respeito de aspectos quantitativos do fluxo turístico em Terras Indígenas a produção nacional é praticamente nula. Há, claramente, um conjunto de publicações que dão conta de diversos aspectos qualitativos da relação entre índios e turistas.

Os trabalhos de Grunewald (1999), Lac (2006), Leme e Trevisan (2006), Olivera (2006), Castro (2008) e Neves (2012), abordam de diversos modos e com diferentes perspectivas o contato entre índios e turistas e as interações que daí emergem, bem como seus resultados no que se refere aos aspectos de mudança cultural, produção de imaginários sobre povos indígenas, impactos ambientais da visitação turística, entre outros.

Contudo, é uma realidade relativamente recente e quase inexplorada no contexto acadêmico nacional a inserção de dados em meios virtuais a respeito da atividade turística em Terras Indígenas. Atualmente, embora a interação entre índios e turistas continue majoritariamente pertencente ao mundo físico, há um conjunto de ressonâncias deste contato no meio virtual que não podem mais ser desprezados. Expressão desse fato é a crescente catalogação de aldeias indígenas em aplicativos voltados para a classificação de serviços e atrativos turísticos por parte dos seus consumidores, os turistas, tais como o aplicativo *TripAdvisor*.

Em relação a este aspecto importa notar que ele faz parte de um conjunto de dinâmicas, normalmente nominadas como integrantes do contexto da economia colaborativa, onde consumidores, produtores e prestadores de serviço criam, agregam e ampliam valor aos produtos através de interação virtual e manutenção de uma reputação online dos produtos e serviços.

Para o turismo este aspecto é fundamental e um tema emergente na bibliografia. Autores como Ascaniis, & Morasso, S. G. (2011); Gândara, Brea & Manosso. (2013); Lee, Law & Murphy. (2011) e Lim & Yoo (2012) abordam o fenômeno no contexto mundial e nos seus contextos nacionais específicos, enfatizando ser essa uma realidade fundamental para a análise do turismo na atualidade. Contudo, a maior parte da literatura a respeito ligou-se fundamentalmente às dimensões comerciais e financeiras desta realidade. A abordagem de seu aspecto social e de produção de imaginários ficou relegada, no campo do turismo, a algumas poucas produções. Não há na bibliografia nacional qualquer estudo que aborde, nem mesmo os aspectos econômicos, desta realidade para o turismo em Terras Indígenas. Em parte esse processo se deve ao fato de que a atividade ocorreu até 2015 e a publicação da Instrução Normativa número 3 da FUNAI, sem amparo e regulamentação legal. A rigor, até 2015 o ingresso em Terras Indígenas só poderia ocorrer para fins de realização de pesquisa científica e com acesso restrito e controlado pela FUNAI. Também se poderia afirmar a pouca relevância econômica deste tipo de turismo e a pouca importância que o mercado lhe atribuiu, embora não existam números oficiais ou produzidos por pesquisa empírica para sustentar o primeiro aspecto. Não obstante, o fenômeno se desenvolveu desde, ao menos, os anos 1970, resultando até em um campo de estudos científicos. Também não é fato possível de se ignorar o desenvolvimento de empreendimentos voltados para o turismo em Terras Indígenas como agências e guias especializados.

Do mesmo modo, tem se intensificado uma nova forma de turistificação das Terras Indígenas no Brasil, desenvolvida, sobretudo, no meio virtual. Se não é novidade para o meio acadêmico o fato de que a escolha dos consumidores por determinados produtos e serviços turísticos ocorre cada vez mais mediada pelo ambiente virtual e pelas opiniões de outros consumidores através de aplicativos, essa realidade passa despercebida no que tange ao turismo em Terras Indígenas. Desse modo, o objetivo geral do presente trabalho é de

analisar publicações de turistas em meio virtual a respeito do Turismo em Terras Indígenas no Brasil. Através deste objetivo se almeja elaborar um panorama da porção virtualmente visível deste fenômeno. Busca-se adicionalmente verificar quais conceitos, imagens e categorias são produzidos e veiculados pelos turistas analisados a respeito de povos indígenas no Brasil e comparar a realidade encontrada com aquela retratada na bibliografia especializada em turismo em Terras Indígenas.

Deste modo, a pergunta orientadora da investigação seria: O que dizem os comentários publicados por turistas em meios virtuais a respeito do turismo em Terras Indígenas e que significados eles produzem ou articulam para compreender tal realidade?

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

A questão do turismo em Terras Indígenas é relativamente nova para a realidade brasileira e bastante carente de uma abordagem mais sistemática e ampliada, tendo em vista as múltiplas realidades indígenas. Em sua dissertação de mestrado, Corbari (2015) faz uma revisão da literatura nacional específica, apontando o estado da arte e verificando as diversas insuficiências oriundas do pouco número de estudos e da ausência de legislação específica<sup>3</sup>.

Uma vez que a literatura específica comumente aponta o turismo como importante vetor de mudança cultural nas comunidades receptoras, a literatura sobre o Turismo em T.I.'s majoritariamente se debruça sobre os reflexos dessa situação para as sociedades indígenas. Resultante disso há uma ampla bibliografia sobre os impactos socioculturais do turismo que insiste em dar um protagonismo exagerado à atividade no processo de mudança cultural dos destinos turísticos e, especificamente, das comunidades indígenas.

No que se refere aos estudos do processo de mudança cultural das sociedades receptoras, no campo teórico do turismo, verifica-se a clara predominância da perspectiva da Antropologia do Turismo. O campo assim denominado compreende predominante, mas não exclusivamente, pesquisas etnográficas e suas consequências etnológicas empreendidas por antropólogos que se aproximaram do campo teórico do turismo. Majoritariamente tal aproximação se deu nos limites de interesses teóricos e empíricos compartilhados. Tal abordagem estabeleceu um posicionamento muito crítico acerca do impacto do turismo no processo de mudança cultural nas sociedades receptoras.

Há relativo consenso, para várias escolas da antropologia, que o primeiro trabalho no campo da Antropologia do Turismo tenha sido o de Nuñez em 1963. No trabalho a relação entre turistas e locais é abordada a partir da perspectiva da aculturação. Desde esse ponto de vista, as modificações na cultura são resultantes da capacidade de resistência da cultura local, de um lado, e da intensidade da pressão ocasionada pelo turismo, de outro. O trabalho de Nuñez (1963) poderia ser relacionado à tradição da antropologia da aculturação que se origina em Herskovits (1938) e se desenvolve consideravelmente em Bastide (1960). Para o que interessa a esse trabalho se poderia dizer que a teoria aparece, no campo da Antropologia do Turismo e no estudo da mudança cultural, como a afirmação da existência de um processo, quase sempre unívoco e teleológico de dominação de uma cultura por outra. Na linha desta teoria encontra-se, no campo da Antropologia do Turismo, diversos desdobramentos que maximizam as pressões do turismo como fatores de modificação da cultura local (Boorstin, 1992; Graburn, 1980; Maccannell, 1976; Nash, 1977).

Em 1974 Erik Cohen, a partir de uma abordagem sociológica, enfatiza a relevância do turismo como objeto de investigação. O trabalho de Cohen é marcado por uma abordagem do turismo que enfatiza o aspecto da mercantilização de determinadas relações, tais como as de hospitalidade, no contexto das localidades em que ocorre. É, sobretudo, nesse ponto que o trabalho suscita um debate que se desenvolverá longamente na Antropologia do Turismo, a respeito das relações de hospitalidade e questões como a de sua autenticidade, espontaneidade e as consequências culturais de sua mercantilização (Cohen, 1988). Neste caso, Cohen se encontra articulando conceitos instituídos desde Mauss (1974 [1923#4]) a respeito da hospitalidade e se apropriando dos desdobramentos a eles dados por Arnold Van Gennep (2011 [1909]) e Victor Turner (1974

[1969]). Em sua abordagem, contudo, Cohen analisa contextos inexplorados pelos antecessores e se envolve em todos os riscos pertinentes a tal empreitada.

Haveriam, portanto, diversos campos de análise e perspectivas de estudo a ser sistematizadas. De um modo amplo seria possível enquadrar algumas realidades importantes sobre o tema em tela que interessam a essa análise. De um lado estão os diversos estudos de campo que apontam para perspectivas em que o desenvolvimento do turismo em terras indígenas se daria em um contexto de danos aos povos, recolonização, comoditização da cultura entre outros termos utilizados para identificar os impactos negativos. Nesse campo poderíamos citar os trabalhos de MacCannel (1976); Cohen (1988); Ruhanen, Whitford & McLennan (2015), que abordam de maneira crítica as influências negativas do turismo sobre os povos indígenas e suas culturas locais. De outro lado, há uma perspectiva que busca equilibrar de um lado os efeitos negativos e de outro os aspectos positivos do turismo em terras indígenas. Nesse polo, se poderia identificar trabalhos como os de Pereiro (2012); Islam & Carlsen (2016) e Buultjens, Gale & White (2010). Essa dualidade, de certo modo, marca o campo de estudos e reflete em alguma medida os relatos encontrados em ambientes virtuais sobre turismo em terras indígenas.

Contudo, uma breve revisão sobre a literatura permite chegar a duas conclusões importantes sobre o tema em tela. Em primeiro lugar, os estudos produzidos referem-se ao modo como a atividade turística em Terras Indígenas acontece na interação direta entre turistas e populações indígenas no mundo físico. Em segundo lugar, as abordagens sobre fenômenos como mudança cultural, impactos ambientais e socioculturais e construção de representações sobre os povos indígenas, carecem de um tratamento sistemático mais aprofundado no que se refere à realidade brasileira. Não existem análises sistemáticas de sua ocorrência em diversos contextos. Obviamente, tal situação se justifica pela dimensão geográfica brasileira e as dificuldades que um empreendimento deste porte coloca para a análise de campo.

Tendo em vista estas limitações o presente estudo pretende construir um panorama inicial a respeito da atividade utilizando um locus de pesquisa ao mesmo tempo muito abrangente e consideravelmente acessível, o meio virtual. Dada a relevância que o meio virtual adquire na contemporaneidade, funcionando como uma caixa de ressonância da realidade física, considera-se que tal abordagem é urgente. Ademais, em que pese sua relação fundamental como um suporte do meio físico, a realidade virtual cada vez mais se torna um campo próprio de produção de significado que se relaciona dialeticamente com a realidade física. Ao mesmo tempo em que é dela um reflexo, produz, em seu interior, significados que se refletem na realidade física, isto é, cada vez mais conceitos, categorias e imagens construídas no meio virtual influenciam as interações físicas, mediadas pelos estereótipos produzidos anteriormente. Se tal realidade é preexistente ao ambiente virtual, não se pode negar que a introdução da tecnologia amplificou a produção e a veiculação de representações sobre a realidade. Procede daí o fato de que o ambiente virtual se torna cada vez mais objeto de atenção para a produção de uma abrangente análise social.

Do ponto de vista econômico esta não é absolutamente uma realidade nova para as trocas comerciais em diversos setores em todo o mundo. Entretanto, no que se refere à questão em tela, o turismo em Terras Indígenas, não há uma produção consistente a respeito das formas como as interações virtuais entre turistas produzem significado e influenciam a realidade da atividade. No campo de estudos da economia colaborativa têm emergido estudos que dão conta do fato de que a produção de valor em produtos e serviços comercializados em todo o mundo se dá fortemente vinculada à interação virtual entre consumidores e destes com os produtores e prestadores de serviço. Está claro, por exemplo, que os turistas, cada vez em maior grau, tomam decisões sobre os destinos a ser visitados e os serviços a ser utilizados com base em opiniões de outros turistas postadas na internet e em diversos aplicativos. Embora não se possa negar a emergência deste campo de análise para a atividade turística, não é possível afirmar que a amplitude de seu crescimento possa ser considerada homogênea no que se refere aos diversos setores da atividade. Para o turismo em Terras Indígenas é possível afirmar que ela praticamente inexistente.



Se, como afirma Viveiros de Castro (1999), a vocação da Etnologia Indígena seja pensar a partir das categorias nativas, se pode afirmar que a vocação de uma Antropologia do Turismo seja pensar a realidade a partir das categorias de nativos e turistas. Para o autor, o modo de pensar que cabe à Etnologia Indígena é o de diálogo com os conceitos e categorias indígenas para, a partir do mundo conceitual que constroem, tentar produzir uma explicação da ontologia indígena. Relacionalmente se pode compreender que o trabalho da Antropologia do Turismo seria partir de um diálogo com o mundo conceitual nativo e/ou dos turistas e partir destes estabelecer uma epistemologia da atividade turística. Compreender o modo como cada um destes atores sociais concebe a realidade que vivenciam seria, então, um ponto nodal de compreensão antropológica do fenômeno turístico.

O que se objetiva aqui é produzir uma análise que dê conta ao menos de uma das faces deste Janus turístico, qual seja, a visão do turista. Se para Krippendorff (1989) o turismo se prestou, sobretudo em sua versão de massa, à confirmação mútua dos clichês que nativos e turistas produzem um sobre o outro, compreender a produção destas representações é aspecto fundamental para melhor análise da atividade turística. Uma das categorias fundamentais colocadas em jogo na relação entre turistas e povos indígenas é a da autenticidade. Se como aponta MacCabbe (2009) os turistas constantemente se movem em busca de uma representação do que seja a autenticidade local, o turismo em Terras Indígenas é uma das arenas em que os diversos reflexos desta busca se articulam.

Os problemas de compreensão da categoria autenticidade são fenômenos fortemente estudados na Antropologia do Turismo (Cole, 2007; Steiner & Resinger 2006; Olsen, 2002; Lau, 2010; Knudsen, Rickly, Vidon E, 2016). Postula-se, em boa parte da teoria, que turistas buscam nas comunidades visitadas, indígenas aí incluídas, uma visão estática de autenticidade, que remete à ideia de tradição como aspecto imutável da representação cultural e da produção da identidade do outro. Contudo, a produção dos significados a respeito do conceito de autenticidade não foi ainda devidamente explorada.

Tendo a autenticidade como categoria êmica fundamental da interação turística, o modo como pensam os turistas a respeito da autenticidade, por meio de quais conceitos e imaginários se produz a ideia de índio autêntico, são questões ainda pouco exploradas. Do mesmo modo, parece claro que, mesmo para o senso comum, uma visão estereotipada da autenticidade indígena, por exemplo, já não pode ser claramente identificada como unânime ou, talvez, até mesmo majoritária. Na medida em que cresce o conhecimento da sociedade brasileira, e das diversas sociedades internacionais que visitam o país, sobre povos indígenas e sua realidade atual, se ampliam os quadros a partir dos quais se compreende autenticidade.

Do mesmo modo, uma categoria como tradição, com amplo histórico de debate acadêmico, em grande medida ignorado pelo senso comum, aparece com importância significativa no contexto do turismo. A demanda pelo conhecimento das tradições locais e de uma explicação, em grande medida simplista, sobre seus sentidos é aspecto fundamental da visitação turística e da proposta de conhecimento do nativo pelos turistas. Contudo, os meios através dos quais são produzidos os significados socialmente veiculados sobre tradição não estão claros, tanto mais em sua vertente virtual.

A reflexão a respeito de tradição tem largo histórico em campos como o da Antropologia e da História e rapidamente se tornou categoria de primeira importância no que se refere ao campo do Turismo, sobretudo aquele que envolve os atrativos culturais. Ainda que se possa considerar que o termo é revolucionado a partir do trabalho de Hobsbawn e Ranger (1984) sobre a invenção das tradições, ainda subsiste no senso comum e na concepção de muitos profissionais da área uma visão endurecida da tradição. Tal concepção é um dos fatores complicadores das relações entre turistas e moradores locais. Em que pese o fato de a concepção sobre tradição haver avançado, inclusive no senso comum, é ainda muito comum a procura, por parte dos turistas, dos valores associados à autenticidade em supostas tradições imemoriais e imutáveis.

Assim, na análise aqui proposta se colocará em causa o conjunto de conceitos utilizados pelos turistas para apreender e se expressar a respeito da realidade conhecida, bem como os reflexos que isso tem naqueles turistas que buscam informação em meios virtuais antes de suas viagens. Tais conceitos, irão, obviamente emergir à

medida em que seja realizada a imersão nos dados e encontradas as categorias pertinentes. Se fez, até aqui, o levantamento e a revisão de algumas categorias que se julga pertinentes e que são clássicas na análise sobre as interações turísticas, contudo, a realidade a ser encontrada durante a pesquisa dos dados poderá divergir fortemente, bem como apresentar novas categorias para análise que irão desafiar a teoria constituída e apontar para novos campos de análise.

Outro conceito importante a participar da análise teórica proposta diz respeito à idéia que se faz de imaginário no contexto turístico. Salazar (2011: 887), após realizar importante revisão teórica e estudo empírico sobre o conceito conclui que imaginários seja instrumentos vocacionados, entre outras coisas, a renegociar realidades sociais e políticas que envolvem o encontro cultural pressuposto no turismo. O autor afirma que antes que simples ilusão o imaginário turístico é uma forma de negociação, sem descurar do fato de que ocorram nesse processo desvios com relação à própria realidade do encontro, motivados e articulados em preconceções. Assim, a imobilidade do imaginário turístico que o autor advoga (Op. Cit. p.873) teria relação tanto com a fugacidade dos encontros, quanto com a solidez de imaginários concebidos em processos lentos e prolongados anteriores à viagem turística.

Como um último aspecto carente de análise e que se torna objeto de análise se poderia citar a própria concepção de turista. Embora tenha mudado desde o início dos estudos sobre turismo está é uma categoria bastante carente de melhor análise, sobretudo aquela que procura adequar o conceito às novas realidades socioculturais emergentes com a aceleração da globalização. Maccabbe (2009) chama a atenção para o fato de que a definição oficial de turista adota pela Organização Mundial do Turismo, é utilitarista, sendo utilizada principalmente para a construção e organização dos dados econômicos relativos ao fluxo. Tais definições passam ao largo das questões atuais como a diversificação dos interesses e a importância de determinados tipos de afinidades e filiações – culturais, sociais, ideológicas, entre outras – na escolha da viagem e do modo de viajar. O autor chama a atenção para a emergência das demandas por autenticidade e tradicionalidade no que se refere aos turistas motivados por atrativos culturais, contudo, constata que tais transformações pouco mudaram o conceito de turismo e manifesta desesperança de sua modificação face ao maior valor atribuído à necessidade de construção de indicadores estatísticos da importância econômica da atividade.

Ainda assim, se considera extremamente importante revisar o conceito de turista e compreender o modo como ele se modifica no ambiente virtual da internet. A cada dia surgem novas demandas e desejos que não são adequadamente captados pelo mercado ou academia, acarretando tanto em dificuldades na comercialização de produtos turísticos, quanto em dificuldades de compreensão dos contextos sociais em que ocorre. Obviamente se procura, neste trabalho, chegar a soluções que colaborem, sobretudo, no segundo aspecto, melhorar a compreensão dos contextos sociais em que o turismo ocorre e as demandas e interações dos turistas. Contudo, não se perde de vista que seja possível contribuir também com o primeiro ponto a respeito do entendimento correto de suas demandas e a criação de produtos adequados.

### 3. METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida teve caráter exploratório e qualitativo. Embora a quantificação dos comentários analisados venha a ser realizada pela pesquisa, considera-se que seja qualitativa, pois não será dado a essa quantificação maior tratamento estatístico. Será mais importante para a pesquisa a dimensão qualitativa que os dados levantados compreendem. Foram focalizados aspectos como a produção de conceitos, categorias e imaginários por parte dos turistas para se referir aos povos indígenas brasileiros e ao turismo em Terras Indígenas.

Para a realização de um primeiro tratamento de dados foi utilizada a tabulação manual dos dados em tabelas para uma primeira separação e tabulação de todos os comentários encontrados no aplicativo TripAdvisor. Após esse primeiro tratamento analítico foi aplicado o emparelhamento simples visando perscrutar os significados produzidos, tanto a partir de agrupamentos quantitativos de categorias, quanto a partir de

análise qualitativa de comentários completos. Tal método de emparelhamento consiste na realização de uma análise comparativa com a produção científica nacional e internacional para buscar identificar padrões que se repetem das análises dos autores e padrões divergentes, que irão emergir especificamente no meio virtual. Assim, foi possível identificar, ainda que parcialmente, peculiaridades da realidade no ambiente virtual, bem como delinear um panorama nacional do fenômeno estudado.

Do ponto de vista epistemológico a pesquisa em questão se alia a uma compreensão da antropologia elaborada no contexto da etnologia indígena (Viveiros de Castro, 2002). Para essa análise a antropologia é realizada tendo como perspectiva os mundos conceituais construídos no processo dialógico de interrelação cultural. Os conceitos da antropologia segundo tal visão seriam relacionais e projetivos, “interfaces transcontextuais cuja função é representar, no sentido diplomático do termo, o outro no seio do mesmo, lá como cá.” (Op. Cit. p. 125).

Concebida neste sentido e tendo em vista o contexto de análise a prática antropológica no empreendimento de pesquisa se faria pela articulação de correlações entre as concepções dos dois tipos de nativos analisados – turistas e povos indígenas – com a cultura própria do antropólogo pesquisador. Assim, estaria em curso um jogo de construção de representações de representações no qual se pretende deixar entrever as interfaces contextuais que atualizam a prática do turismo em Terras Indígenas a partir dos reflexos que dela se irá encontrar no ambiente virtual de aplicativos utilizados na internet.

#### 4. ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS

Foram analisados no total 208 comentários de turistas no TripAdvisor divididos entre 13 aldeias ou áreas indígenas incluídas no aplicativo até Agosto de 2017, quando se iniciaram as atividades de pesquisa e se procedeu o recorte temporal. As aldeias e áreas indígenas que foram objeto de comentário no aplicativo foram pesquisadas a partir das seguintes palavras-chave – “turismo em terras indígenas”, “aldeias indígenas”, “turismo indígena”, “áreas indígenas”, “reservas indígenas” e “indígenas”. Houve uma grande quantidade de resultados entre os quais se incluíam diversos tipos de empreendimentos hoteleiros com nomes que de algum modo aludiam a populações indígenas, além, obviamente, das aldeias e áreas efetivamente pesquisadas.

A separação entre as aldeias e áreas e os outros tipos de resultados foi realizada pela análise do total de itens cadastrados encontrados contrastados com aquilo que os pesquisadores conheciam das áreas indígenas brasileiras adicionado pelos conhecimentos obtidos através dos sítios eletrônicos da FUNAI e do Instituto Sócioambiental, ISA, que mantêm em seus bancos de dados informações sobre todos os povos indígenas conhecidos no país. A partir desse procedimento chegou-se então às seguintes aldeias, terras ou áreas indígenas encontradas no aplicativo: Aldeia Intanhaém (Guarani Mbyá), Aldeia Boa Vista (Guarani Mbyá), Museu Indígena Pataxó, Aldeia de Coroa Vermelha (Pataxó), Aldeia Guarani Bertioga (Guarani Mbyá), Memorial da Cultura Indígena (Multiétnico), Aldeia Apucarantina (Kaingang), Comunidade Indígena Desana (Desana), Museu Indígena Kanindé (Kanindé), Parque Indígena do Xingu (Multiétnico), Ilha da Cotinga (Guarani Mbyá), Reserva da Jaqueira (Pataxó), Casa da Memória do Tronco Velho Pankaruru (Pankaruru) e Aldeia Wasaré (Pareci).

Do conjunto encontrado no aplicativo deve-se destacar que além de áreas e aldeias indígenas foram considerados também três museus indígenas, dois deles mantidos em Terras Indígenas (Pataxó e Pankaruru) e um deles (Memorial da Cultura Indígena) no centro de município, portanto em área urbana, mas localizado próximo a terras indígenas. A inclusão destes espaços no campo de análise se justifica pelo entendimento de que contemplam o mesmo tipo de público interessado na visita a Terras Indígenas. Assim, considera-se que os comentários que os turistas fizeram sobre estes espaços se constitui como sendo de mesmo tipo de comentários que abordam o imaginário turístico sobre índios no Brasil.

Optou-se, em virtude do número relativamente baixo de comentários, se comparados a outros tipos de atrativos e empreendimentos, por fazer a avaliação da totalidade do material disponível, uma vez que se



tratava de quantidade exequível para uma tabulação manual. Do mesmo modo, se dispensou a aplicação de softwares específicos de análise, pois os testes em alguns tipos mais utilizados revelou que pela pouca quantidade e amplitude de comentários os resultados não poderiam ser adequadamente explorados. Os comentários não são proporcionais entre as diversas aldeias e áreas analisadas, contudo se pôde notar de partida que não existem variações significativas ou mesmo verificáveis entre os conteúdos dos comentários sobre as diversas áreas indígenas, havendo uma consistência digna de nota nas temáticas e comentários.

Esse primeiro aspecto já é objeto de uma análise preliminar importante. O fato de não haver muita variação temática, em que pesem as enormes diferenças entre as áreas indígenas comentadas e as populações indígenas delas ocupantes, se relaciona com ao menos duas dimensões.

A primeira delas, diz respeito ao ambiente de análise. Se verifica que há uma dinâmica de repetição nestes aplicativos de redes sociais. Conforme mencionam Inversini, Cantoni & Buhalis (2009), é muito comum que, na utilização de tais aplicativos os turistas se atenham apenas aos primeiros comentários que aparecem, sem realizar uma leitura mais aprofundada. Se observarmos essa perspectiva desde o ponto de vista dos comentários, os turistas que utilizam o aplicativo para promover suas observações provavelmente o fazem após uma leitura de alguns dos primeiros comentários que conseguem visualizar. Uma primeira hipótese de análise do ambiente de inserção dos dados é o de que essa dinâmica tende a promover a repetição mais ou menos irrefletida do que relatam os comentários anteriores.

A segunda questão de análise que essa realidade demonstra é a prevalência de um imaginário comum a respeito dos povos indígenas no Brasil, dada a semelhança dos dados e pouca variabilidade temática dos comentários. Uma vez que se trata, como se pôde observar anteriormente, de um conjunto muito díspar de áreas que abrigam etnias muito diversas se postulou que a única hipótese para a coincidência temática e de conteúdo dos comentários fosse algum tipo de mediação. Descartadas as possibilidades de que a mediação do ambiente de inserção dos dados fosse responsável pela coincidência # uma vez que ela não procede seleção, controle, inclusão ou exclusão de comentários por tema ou conteúdo – se passou a explorar a hipótese de que tal coincidência de análises fosse derivada de algum tipo de imaginário consolidado sobre povos indígenas. Pretende-se demonstrar a seguir que tal imaginário é o que se chamará aqui de imaginário colonial sobre os povos indígenas, que, como se buscará demonstrar, deriva das primeiras impressões e imaginários veiculados no processo de colonização europeia nas terras brasileiras dos séculos XVI e XVII sobre os povos indígenas encontrados.

A prevalência desse imaginário na percepção dos índios atuais já era mencionada por Carneiro da Cunha (1990). Contudo, restava testar sua consistência para a realidade do meio virtual. Havia muita expectativa e suposição de que os utilizadores dos aplicativos, por serem indivíduos com alto grau de acesso à informação pudessem de algum modo se sobrepor à prevalências dessas imaginários. Entretanto, a realidade encontrada nos comentários não correspondeu a essa expectativa, de toda sorte algo ingênua. Se os comentários não aludem aos imaginários da bestialidade, traduzida na ênfase da antropofagia ou do bom selvagem, baseados nas perspectivas de pacifismo indígena, como o imaginário do século XVI apontado por Carneiro da Cunha. Não deixa de haver com ele continuidade quando se constata que a maioria absoluta dos comentários, 129 deles, precisamente, se referem a apenas três grandes ideias, independentemente de qual área indígena é comentada. Essas três ideias – que se interpretou como relacionadas aos conceitos de aculturação, autenticidade e tradição – são uma linha de continuidade com o imaginário do século XVI proposto e basicamente se referem à “constatação” por parte dos turistas de haver ou não mudança cultural em relação ao imaginário prevalente sobre índios e realizar um juízo de valor sobre tal mudança.

Chega-se a essas três ideias após a tabulação manual dos comentários. A tabulação foi realizado a partir da leitura minuciosa dos comentários buscando-se encontrar neles alguma coincidência temática. Chegou-se ao quadro em que três conjuntos básicos de ideias fundamentalmente sumariam todos os achados através do aplicativo. Um tabela com o conjunto dos termos encontrados nos comentários seguirá em anexo, pois se

compreendeu que sua inclusão no texto tenderia a prejudicar a leitura e que o texto analítico poderia dispensar sua apresentação previa, podendo sua consistência ser analisada em separado pelo leitor posteriormente.

Assim, haveria, em primeiro lugar, um conjunto de ideias que apelavam à categoria teórica da tradição, tal como percebida pelo senso comum, tratando de caracterizar os povos e espaços indígenas visitados como mantenedores da história, da cultura ou do artesanato e produção material indígena. O primeiro dado a respeito da ideia de tradição que se professa aqui é o modo como é tomada a ideia de cultura indígena. Os comentários pouco ou nada se referem ao aspecto da variedade das culturas indígenas visitadas, todos se referem à manutenção de uma única história indígena, uma única tradição indígena ou um único conjunto de produção artesanal que, ao que parece, se imagina como consistente e pertinente ao conjunto amplo das mais de 200 etnias habitantes do território brasileiro. Essa dado, por si, já permite vislumbrar um aspecto da continuidade com o imaginário colonial, uma vez que o que ali se enfatizava era a diferença entre índios e europeus, percebendo-se os dois lados como blocos mais ou menos homogêneos discursivamente. Para fazer prova desse hipótese basta lembrar da famosa dedução feita em relação aos povos indígenas encontrados pelos colonizadores que segundo os relatos dos últimos não possuíam em seus idiomas as letras F, L e R. Se concluía daí que eram povos sem fé, nem lei, nem rei. Essa conclusão simplificava os dois conjuntos de povos em, de um lado, os europeus que sempre tinham fé, lei e rei (sem discutir muito as diferenças entre sistemas políticos, legais e religiosos na Europa do século XVI) ao passo que, de outro lado, estavam os índios como conjunto homogêneo, sem fé, lei ou rei (também sem se aludir às eventuais diferenças de sistema político, religioso e legal entre os diversos povos). Assim, a ideia de tradição que hoje se importa para a análise da realidade indígena no Brasil se refere a uma cultura indígena, uma história indígena e um conjunto de produção material, notadamente o artesanato, que se visualiza e transmite como homogêneo, sem realizar muita consideração a respeito de sua variabilidade.

Em segundo lugar, haveria um conjunto de ideias que apelariam à categoria teórica da aculturação, tal como apreendida pelo senso comum. Nesse sistema de ideias se considera que sempre que exista um contraste entre os índios efetivamente encontrados na viagem turística e o imaginário colonial sobre povos indígenas # comumente transmitido por formas mais antigas e menos sofisticadas de educação formal – esse contraste representa a perda cultural indígena em direção a uma aproximação com a sociedade dos brancos. Assim, qualquer indicador de utilização de tecnologias tidas por “modernas” ou “dos brancos” significa, para essa forma de pensamento uma colonização cosmológica indígena, como se junto com os objetivos eles necessariamente se apropriassem ou mais exatamente fossem apropriados ou colonizados pelas ideias e sistemas de entendimento dos brancos que supostamente viriam junto com os objetos. Desse modo são comuns os comentários sobre o fato de os índios utilizarem-se de celulares, automóveis, aparelhos de televisão, computadores e outros itens como indicadores de sua aculturação ou perda cultural.

Finalmente, em um terceiro conjunto de ideias se alude à situação exatamente oposta. Tal situação foi sintetizada por aproximação à categoria teórica de autenticidade, tal como vista pelo senso comum. Assim, se comenta que seriam os índios autênticos sempre que se constata, na percepção do turista, uma relação de continuidade ou semelhança entre os índios efetivamente encontrados e o imaginário colonial que deles se preserva. Assim, os comentários mediados pela ideia de autenticidade tendem a atribuir aos povos indígenas não apenas continuidade e semelhança como uma cultura e uma história – homogeneizadas e estereotipadas – indígena, mas também a lhes atribuir certa pureza primitiva como existente a separá-los da sociedade brasileira contaminada pelas vicissitudes da modernidade. Assim, aparecerão ideias como “a verdadeira cultura indígena”, “índios autênticos” ou “cultura verdadeira” como alusivos não apenas a uma suposta continuidade histórica, mas a uma pureza essencial.

Para analisar de maneira mais detida essas três ideias deve-se começar por explicar de que modo se as interpreta no contexto de análise aqui proposto. Conforme demonstra a análise da literatura (Boorstin, 1992; Graburn, 1980; Maccannell, 1976; Nash, 1977), a experiência empírica dos turistas com povos indígenas tende a ser por eles representada a partir dos conceitos de autenticidade e aculturação. Por um lado se analisa

o grau de mudança cultural entre os índios realmente encontrados e a expectativa que os turistas tinham de como deveria ser sua cultura, comumente mediada por estereótipos coloniais. Nesse caso, tais representações aparecem nos comentários a partir de ideias como “índio aculturado”, “índios urbanos”, “perderam sua cultura” entre outros. Se há grande discrepância entre expectativa e experiência os turistas tendem a utilizar uma visão rasa do conceito de aculturação. Isto é, se considera aculturados os índios que não correspondem à expectativa de exotividade e diversidade cultural dos turistas. Obviamente essa percepção é uma distorção do sentido antropológico em que o conceito foi cunhado (Herscovitz, 1938) e mais tarde criticado, isto é, como um elemento analítico para se avaliar grau, contexto e relações sociais envolvidas na mudança cultural. O conceito seria, portanto, mais complexo e a utilização que dele fazem os turistas uma distorção que preserva a palavra, mas não seu conteúdo teórico inicial.

A contraparte dessa ideia é o conceito de autenticidade. Em relação a eles a tendência notada na bibliografia de campo é de que os turistas reifiram-se aos índios entre os quais identificam muita mudança cultural como não sendo autênticos e muitas vezes associados a uma tentativa comercial de “enganar turistas”. Nesse contexto aparecem ideias como “índios civilizados”, “usam tecnologia”, “usam celular”, “índios bêbados” entre outras. Obviamente aqui se trata também de uma grande distorção do contexto teórico em que o conceito tenha sido utilizado # além de como comentam Cole, 2007 e Steiner & Resinger 2006 não distinguir autenticidade objetificada e autenticidade subjetiva. Isto é, há uma grande tendência a se associar a incorporação indígena de objetos e costumes “dos brancos” (celulares, bebidas alcoólicas, entre outros) como indicador de sua falta de autenticidade. Nesse caso, também se preserva a palavra, mas seu conteúdo teórico eventual é completamente distorcido.

Finalmente, a terceira ideia identificada é a de tradição. Fortemente associada às anteriores reflete a percepção de turistas que visualizam coincidência entre experiência e expectativa e atestam que os índios visitados mantêm sua tradição. Nesse ponto se destacam os comentários como “museu vivo da cultura brasileira”, “história viva”, “preservação da tradição”, “preservação da cultura e costumes”, entre outros. Essa também é uma visão distorcida dos usos do conceito no contexto acadêmico. Se é fato que se pode atribuir certo grau de essencialização ao uso pretérito do conceito no contexto acadêmico, não restam dúvidas de que, ao menos desde os anos 1980 (Toren, 1988) o conceito passa a ser tratado de maneira mais processual e se visualizar a tradição como em dialética perene de mudança e rearticulação. Deste modo, para os entendimentos acadêmicos atuais a tradição em si mesma é um elemento dinâmico e local sobre o qual as diversas comunidades e sociedades trabalham para alinhar sua cultura e cosmologia ao contexto histórico que vivenciam.

Assim, se pode concluir preliminarmente que, em primeiro lugar, não se observa mudança de grau no conteúdo das percepções observadas nos comentários em meio virtual e aquelas relatadas pelos pesquisadores de campo supracitados. As percepções persistem sendo continuidades de um imaginário colonial dos séculos XVI e XVII reproduzidos de maneira mais ou menos acrítica. No que se refere à análise ainda em curso sobre o perfil deste turista que agora se manifesta via rede social e aplicativo se pode perceber que se não existem mudanças significativas em relação ao conteúdo das percepções, há claramente diferenças de perspectiva no que se refere ao valor da exposição da experiência direta. No contexto das relações criadas em meio virtual, pouco mediadas pela experiência empírica de intersubjetividade, os sujeitos buscam de diversos modos angariar o que Bourdieu (2004) chamou de capital simbólico a partir da exposição e rentabilização social de suas experiências de viagem. Através do relato, ainda que curto, da viagem o turista se envolve em um contexto de hierarquização social, promovido inclusive no ambiente do aplicativo, no qual se estabelece gradações entre os usuários do aplicativo em função do número de comentários que realizam, quantas vezes estes são lidos, reproduzidos e considerados úteis por outros usuários. Deste modo, se supõe como hipótese a ser analisada na continuidade da pesquisa que se articula no meio virtual um novo tipo de hierarquização social de viajantes, bem como se produz entre eles uma lógica de superexposição virtual no qual as opiniões mais exacerbadas costumam receber maior grau de atenção e consequente validação. Essa suposição é bastante

consistente com a literatura já consolidada sobre o comportamento dos novos turistas em meios virtuais, embora suas nuances ainda mereça maior explicitação ao longo da pesquisa.

Assim, ainda que se tenham aqui apenas resultados preliminares e se identifique necessidade de aprofundamento das pesquisas se pode verificar que as realidades encontradas no que se refere ao turismo em terras indígenas e seus comentários em meio virtual são bem pouco diversas daquelas de turistas que viajam com outras perspectivas e que avaliam outros tipos de atrativos ou mesmo serviços. Entretanto, a pouca diversidade temática, reveladora de um imaginário estruturante sobre povos indígenas no Brasil que se transmuta para o meio digital, revela também questões específicas a respeito da forma e do instrumento de mediação desse imaginário, o ambiente virtual.

## 5. CONCLUSÃO

A realidade encontrada na pesquisa pode servir para pensar ao menos algumas questões a respeito do problema do turismo em Terras Indígenas no Brasil – o alcance, a consolidação do imaginário e a forma de transmissão do conteúdo. No que se refere ao alcance, se já havia preocupação dos especialistas com o imaginário sobre povos indígenas veiculado nas relações presencias entre turistas e índios, esta preocupação se torna ainda maior a partir das conclusões do estudo com meios digitais.

A literatura já destacava a preocupação com os encontros muito fortuitos e com as impressões muito rasas por ele produzidas que tendem a reforçar estereótipos. A veiculação em escala muito maior, propiciada pelo ambiente virtual torna toda a situação ainda mais preocupante no que se refere ao fato de que esse elemento amplie a consolidação dos imaginários sobre índios. A amplitude de alcance dos comentários é muito maior do que aquela do relato de experiência pessoal que os turistas anteriormente a essa tecnologia poderiam fazer.

A partir desse novo meio há a amplificação, reprodução e legitimação do imaginário sobre povos indígenas, encurtando ainda mais os espaços para um diálogo que vise rediscutir as imagens que a sociedade brasileira possui sobre eles. O último aspecto, que diz respeito à natureza da mediação que o ambiente virtual realiza, haveria espaço para uma reflexão mais longa. Para o momento importa dizer que a natureza do ambiente virtual, por tudo que já foi discutido até aqui, tende a ser um espaço de diálogo curto e fugaz, onde não haveria espaço para grandes reflexões em tudo contribuindo para a reafirmação acrítica de ideários já legitimados em outros espaços sociais. Assim, categorias acadêmicas cuidadosamente trabalhadas com extensos debates como aculturação e autenticidade são colocados em jogo com apreciações rasas e majoritariamente acríticas a advogar e supostamente comprovar as vicissitudes do processo de mudança cultural negativa nos povos indígenas, ao passo que costumeira os transforma de vítimas em réus do próprio processo de mudança. Ainda que a teoria a longo tempo reclame aos índios o papel de autores e sujeitos, antes que vítimas, do seu próprio processo de mudança, sem descuidar das imposições coloniais, todo esse debate é sumariamente ignorado nas evocações virtuais dos povos indígenas no Brasil.

Assim, se considera que o meio, do modo como tem sido utilizado até aqui, revela pouca capacidade de ser espaço de reflexão, apresentando forte tendência à reprodução, estabilização e legitimação de ideias produzidas e veiculadas no contexto do turismo de massa. Desse modo, a reprodução de comentários em espaços virtuais – sejam estes aplicativos ou qualquer outro gênero – por suas próprias características tenderiam a reproduzir uma visão estabilizada e de pouca sustentação empírica da mudança cultural ao invés de problematizar seus contextos, como seria o desejável. Lidar com essa realidade exigirá novamente o protagonismo das comunidades indígenas ao assumir o controle das representações sobre eles veiculadas nos espaços virtuais.



## BIBLIOGRAFIA

- Ascaniis, S., & Morasso, S. G. 2011. When tourists give their reasons on the web: The argumentative significance of tourism related UGC. In *Information and Communication Technologies in Tourism 2011* (pp. 125#137). Springer Vienna
- Bastide, R. 1960. *Les Religions Africaines au Brésil*. Paris, PUF
- Boorstin, D. J. 1992. *The image: a guide to pseudo#events in America*. New York: Vintage Books
- Bourdieu, P. 2004. *O poder simbólico*. 7a edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil
- Buultjens, J. Gale, D & White, N. 2010. Synergies between Australian indigenous tourism and ecotourism: Possibilities and problems for future development. *Journal of Sustainable Tourism*. Vol. 18, No. 4. p. 497–513
- Castro, M.S.M. 2008. *A Reserva Pataxó da Jaqueira: o passado e o presente das tradições*. Dissertação de Mestrado. PPGAS/UNB, Brasília, 2008
- Carneiro da Cunha, M. 1990. Imagens de Índios do Brasil: O século XVI. *Estudos Avançados*. V.4, n.10
- Cole, S. 2007. Beyond Authenticity and Commodification *Annals of Tourism Research*, 34 (4) p. 943–960
- Corbari, S. D. 2015. *O Turismo Envolvendo Comunidades Indígenas em Teses e Dissertações: Retrato das Relações e dos Impactos Socioculturais*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós#Graduação em Turismo, UFPR.
- Gândara, J. M. G. ; Brea, J. A. F, & Manosso, F. 2013. Calidad de la experiencia en los hoteles termales de Galicia, Espana: un analisis a traves de la reputacion on line. *Estudios y Perspectivas en Turismo (En Línea)*, 22, p. 492#525.
- Gennep, A. V. [1909] 2011. Os ritos de passagem. 2. ed., Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes.
- Graburn, N. 1977. Tourism: The sacred journey. In: *Hosts and guests: The anthropology of tourism*. V. Smith, ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Graburn, N. 1980. Teaching the anthropology of tourism. *International Social Science Journal*, 32(1). p: 56#68
- Grunewald, R. A. 1999. *Os 'Índios do Descobrimento': tradição e turismo*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/ MN/PPGAS.
- Hobsbawn, E.; Ragner, T. (Org.) 1984. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Herskovits, M. 1938. *Acculturation: The Study of Cultural Contact*. New York, J.J. Augustin Publisher.
- Islam F & Carlsen J. 2016. Indigenous communities, tourism development and extreme poverty alleviation in rural Bangladesh. *Tourism Economics*. V.22 n.3
- Knudsen D; Rickly J & Vidon E 2016. The fantasy of authenticity: Touring with Lacan. *Annals of Tourism Research*. v. 58 p. 33#45
- Krippendorff, J. 1989. *Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. Rio de. Janeiro: Civilização Brasileira.
- Lac, F. 2006. *O turismo e os Kaingang na Terra Indígena de Irai/RS*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós#Graduação em Antropologia Social, UFPR, Curitiba.
- Lau, R. 2010. Revisiting authenticity: A social realist approach. *Annals of Tourism Research*. v.37 n2.p.478#498
- Lee, H. A; Law, R, & Murphy, J. 2011. Helpful reviewers in TripAdvisor, an online travel community. *Journal of Travel & Tourism Marketing*, 28(7) p.675#688.
- Leme, F.B.M & Trevisan, S.D.P. 2006. O resgate da identidade cultural: Meio para a sustentabilidade local. *Interações. Revista Internacional de Desenvolvimento Local*, n 12. Campo Grande: UCDB.
- Maccabe, S. 2009. Who is a Tourist? Conceptual and Theoretical Developments. In: Tribe, J. *Philosophical Issues in Tourism*. Channel View Publications, Bristol.
- Maccannel, D. 1976. *The tourist: A new theory of the leisure class*. University of California Press
- Mauss, M. [1923#24] 1974. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: Mauss, M.. *Sociologia e Antropologia*, v. II. São Paulo: Edusp.
- Nash, D. 1977. Tourism as a form of imperialism. In: *Hosts and guests: The anthropology of tourism*. 2nd Ed. V. Smith, ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.



- Neves, S.C. 2012. *A apropriação indígena do turismo: os Pataxó de Coroa Vermelha e a expressão da tradição*. Tese de Doutorado. Salvador: UFBA/PPGA.
- Núñez, T. 1963. Tourism, tradition, and acculturation: Weekendismo in a Mexican village. *Ethnology*, 2.3, p. 347–352
- Oliveira, V.M. 2006. *Turismo, Território e Modernidade: um estudo da população indígena Krahô, Estado do Tocantins (Amazônia Legal Brasileira)*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2006
- Olsen, K. 2002. Authenticity as a concept in tourism research: The social organization of the experience of authenticity. *Tourist Studies*. v. 2
- Pereiro, X. P. 2012. El Turismo Indígena Guna (Panamá): Imaginarios y regímenes de mentira de las guías turísticas internacionales. *Estudios y Perspectivas em Turismo* v.21 p.945#962
- Ruhanen, L; Whitford, M & McLennan, C (2015) Indigenous tourism in Australia: Time for a reality check. *Tourism Management* V.48
- Salazar, N. 2012. Tourism Imaginaries: A Conceptual Approach *Annals of Tourism Research*, v.39 p.863#882
- Smith, V. L. (Org.) 1977. *Hosts and Guests. The Anthropology of Tourism*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Steiner, C. J. & Reisinger, Y. 2006. Reconceptualizing Object Authenticity. *Annals of Tourism Research*, v. 33, n. 1, p. 65#86.
- Toren, C. 1988. Making the present, revealing the past: The mutability and continuity of tradition as process. In: *Man, New Series*, v.23 n.4 Royal Anthropologic Institute of Great Britain and Ireland, pp.696#717.
- Turner, V. 1974. *O Processo Ritual*. Petrópolis: Vozes, 1974
- Viveiros de Castro, E. 1999. Etnologia brasileira. In: Miceli, S. (Org.). *O que ler na ciência social brasileira (1970#1995)*. São Paulo: Sumaré/ANPOCS (v. 1, Antropologia)
- Viveiros de Castro, E. 2002. O Nativo Relativo. *Mana*, v. 8, n. 1, Rio de Janeiro, Abr.
- Cohen, E. 1974. Who is a tourist? A conceptual clarification. *Sociological Review*, n. 22 p. 527#555
- Cohen, E. 1988. Authenticity and commoditization in tourism. *Annals of Tourism Research*, 15 (3), 1988, p. 371#386
- Inversini, A.; Cantoni, L.; Buhalis, D. 2009. "Destination's information competition and web reputation". *Information Technology & Tourism*, v. 11, p. 221#234.

## NOTAS

- 1 O mesmo censo do IBGE aponta uma população de 896 mil pessoas se declarando como indígenas.
- 2 O Ministério do Turismo aponta para 2015 com número superior a 6 milhões de turistas, apenas no que diz respeito aos internacionais. (Mtur, 2015)
- 3 Em 2015 foi aprovada, após um processo de consulta às comunidades indígenas realizado pela FUNAI, a instrução normativa que regulamenta o turismo em Terras Indígenas no Brasil. Em que pese seu aspecto meramente normativo e a recusa em lidar com os problemas mais sérios envolvidos, afinal tem-se alguma legislação a respeito a partir da Instrução Normativa n.3 de Junho de 2015. Até então, a legislação existente previa apenas o ingresso em Terras Indígenas para fins de pesquisa científica a partir da Instrução Normativa N.1 / PRES /1995.